

BORIS SCHNAIDERMAN

CADERNO ITALIANO



1944: SOLDADOS
BRASILEIROS NA
ITÁLIA APONTAM
FOTOS DE NAZISTAS
NA REVISTA



Guerra

Foi ontem: a poeira na estrada, as casas em escombros, as mãos estendidas: “*Una sigaretta, paisano!*”, o frio, o desalento, as famílias escondidas entre as ruínas, a manta militar pendurada numa trave, a fim de ocultar de nossas vistas uma família inteira. Hoje, o trem corre por um país aprazível: os campos bem trabalhados (nenhum pedaço inaproveitado!); as chaminés das fábricas largando fumaça, os italianos do trem falando de política internacional, preocupando-se com a sorte do Brasil. Será possível?

A vida italiana em seu curso

habitual e, ao lado, uma turba de gente loira, máquinas de retrato a tiracolo, o guia na frente falando sem parar, embora ninguém escute. Essa multidão apática passa vandalicamente pelos museus do Vaticano, corre pelo Palácio dos Doges, em Veneza, detém-se aqui e ali, apenas nos lugares que o cicerone vai indicando. Um quadro famoso, uma estátua ilustre - de que mais precisa um homem para ser feliz? Não, é preciso mais um pouco e o guia vai contando anedotas sobre Leonardo da Vinci ou os amores de Rafael.

BORIS SCHNAIDERMAN é professor aposentado do curso de Russo da FFLCH-USP e autor, entre outros, de *Guerra em Surdina*, (Brasiliense).

Este texto foi publicado em *Projeções Russa Brasil Itália*, S. Paulo, Perspectiva, 1977.

Por favor, não me tomem por turista, eu não sou turista, eu conheci esta terra no sofrimento e na desolação.

Chego à Piazza della Signoria, em Florença, mas a minha Piazza não é a mesma, certamente não é. Pudera! eu a vi deserta, sem estátuas, e de noite o vulto sombrio do Palazzo Vecchio destacava-se sinistro sobre a cidade às escuras. As estátuas nas praças, as ruas iluminadas - será possível que não se compreenda a importância de tudo isso?

Caminho pelo cais do Arno. Lá estão as pontes que o alemão dinamitou. Cada uma no lugar, tal como devem ter sido antes da guerra. Não é possível, encontro reconstituídas, sem nenhum sinal de mutilação, as mesmas estátuas que eu vi em pedaços num porão do Palazzo Pitti. Foi ontem apenas, mas hoje as estátuas estão ali, sobranceiras e indiferentes, em meio aos seus panejamentos barrocos.

Atravesso a Ponte Vecchio, a única ponte que os alemães não dinamitaram. As vendinhas antigas de ambos os lados, o rio marulhando, tudo isso me é familiar. Mas as casas do cais! Ali havia apenas escombros e mais escombros. Agora, encontro tudo reconstruído. Vejo casarões ao jeito antigo. Ah, só o italiano para resistir à tentação de construir ali uns prédios de apartamentos, com elevador e tudo o mais! Não houve guerra, não houve massacres, tudo continua a fluir de manso, pois ali estão os velhos sobradões, o rio, a paisagem urbana e secular, civilizada e envolvente de Florença. Vejo a casa de Maquiavel completamente reconstruída. Depois que saio para a praça fronteira ao Palazzo Pitti, encontro o sobradão onde Dostoiévski acabou de escrever *O Idiota*. As pedras da rua, as estátuas, os palácios, tudo insiste em dizer que ontem não existiu.

Mas ontem é teimoso, insistente. Ele subsiste nos rostos esqueléticos e assustados das crianças num caminhão, na miséria, no desconforto humano que existiram nestes mesmos lugares.

Não, eu não sou turista, não queiram colocar-me a máquina a tiracolo. Adeus Florença, adeus Siena, adeus Veneza. Um trenzinho lenga-lenga, tão diferente dos trens aerodinâmicos e confortáveis das linhas principais, leva-me de Bolonha a Porreta Terme, nos Apeninos.

Ontem, era a paisagem de neve, desértica

e pétrea, os rostos duros e impassíveis, a vida dentro de uma nuvem de fumaça. Hoje, vou chegando a uma região verdejante, a uma cidadezinha de veraneio, simpática e sem um turista! Onde estão os prédios bombardeados? A muito custo, firmando-se bem a vista, percebe-se aqui e ali que houve remendos na parede.

Largo as malas no hotel e saio pela estrada, quase correndo na direção de Silla. A ponte, o rio, as casas. Ah, não são as mesmas! Uma que outra sobrou, as pedras rejuntadas com argamassa ordinária. As novas são de alvenaria, simpáticas e convidativas. A igreja é a mesma e, no paredão, há uma lápide com os nomes dos paroquianos mortos no bombardeio. O nome e o retrato de uma velhinha de setenta e quatro anos! Provavelmente, eu estava a dois passos, quando isso aconteceu. Mas como é possível saber o que acontece a cada um? Em meio ao véu de apatia, à névoa que recobria o mundo, quem ia tomar conhecimento de uma velhinha?

Uma representação de *Rômulo, o Grande*, de Dürrenmatt, no Circo de Domiciano, em Roma. As ruínas que se destacam no negrume da noite, a arena discretamente iluminada, os bancos compridos para o público e um palco reduzido que se confunde com a visão sombria das muralhas em ruína e dos ciprestes, tudo isso constitui cenário imponente como nenhum outro, e tudo isso provoca um contraste chocante com a farsa, a paródia que há na peça. Esse contraste é um elemento novo, que o autor certamente não previu, mas que não deixa de ser estimulante.

No intervalo, serventes mudam no palco, à vista do público, um cenário rudimentar. É preciso fazer um esforço para se perceber que, fiel ao espírito brechtiano do autor, o diretor mandou executar aquilo. Mas, que adianta? A rigor, o cenário que há no palco desaparece em face do majestoso cenário permanente, da visão extraordinária do Circo. E aquela movimentação no palco menor surge como algo ridículo e desnecessário.

O ator principal é muito bom, dois outros são igualmente de nível, mas o resto da companhia é constituído de canastrões. E o canastrão italiano torna-se menos suportável que o nacional, por um motivo muito simples: todos os seus gestos em falso, toda

CARTAZ DE
CONVOCAÇÃO
DO EXÉRCITO
BRASILEIRO,
DE 1942,
ELABORADO
PELO DIP



a sua incapacidade de transmitir a realidade interior do texto, são sublinhados por uma dicção impecável. E imagina-se tudo isso no Circo de Domiciano!

Será que os habitantes de Roma têm consciência da responsabilidade que acarreta o cenário permanente da cidade? Qualquer canalhice pequena, qualquer mesquinha devem ficar tão sublinhadas naquele ambiente! Não as patifarias mestras, que sempre podem ter um acento trágico, mas as pequenas sem-vergonhices, como devem soar falso em Roma!

Verde e misteriosa, a montanha chama, a montanha convida. O ônibus sobe a custo a encosta íngreme. O cobrador me reconhece: "O senhor não esteve aqui, vinte anos atrás, durante a guerra?" Mas ele era então um garotinho, e, na guerra, os garotinhos se confundiam numa imagem comum: a da criança perplexa, espantada.

Como é belo este pedaço da Itália! No inverno, em meio à névoa e à depressão em que vivíamos, poucas vezes alguém se detinha para olhar a região. E se a paisagem ainda atraía alguma vez a vista, logo esta se concentrava em algo mais imediato e necessário.

Desço do ônibus e ando pelos povoados na montanha. Há um reboliço nas casas que visito. Converso com um e outro. Fico sabendo: Fulano casou. Beltrana morreu, agora as coisas estão mais difíceis que no ano passado, há crise, mas vai-se vivendo, sem grandes novidades nem muitas queixas. A torre medieval de Castel di Cascio domina o vale e fala de solidez e permanência.

Junto a uma das casas, um camponês de meia idade aspira o ar com força e me diz: "*Che aria!* Um ar assim é saúde, é vitalidade". Conversamos. Ao saber que venho do Brasil e que estive ali durante a guerra, entusiasma-se e me introduz em casa. Tomo com ele um pouco de vinho azedo, sou apresentado à mulher e à filha mocinha.

"Ah, Brasile, Brasile!" Como ele gostava dos brasileiros! Foi um tempo tão bom, apesar de tudo. Dá até saudade.

"E antes dos brasileiros, os alemães. Eu me dava tão bem com os alemães! Claro que havia os outros, os S.S., que tinham tarefas diferentes, mas os alemães que se instalaram por aqui eram todos ótimas pessoas. Andavam pela montanha

de automóvel pequeno, às vezes paravam nas partes altas e olhavam para o vale, de binóculo. Depois, vieram os brasileiros e faziam a mesma coisa. Guerra, para dizer a verdade, eu não vi nenhuma. E quer saber de uma coisa? Esta guerra foi bem suave, comparada com a outra, com os massacres de Verdun e de Caporetto. Eu ficava conversando com os soldados alemães, havia um sargento que se tornou meu amigo, vivia mostrando retratos dos filhinhos. Dificuldades? Não, eu não tive, vendia os produtos na cidade e tinha o que comer, o que vestir. Pena é que os amigos que fiz nessa guerra não venham visitar-me. Vocês, brasileiros, ainda se compreende, a viagem é longa e muito cara. Mas por que não voltam os meus amigos alemães?"

O homem não parava de falar sobre as amizades que fizera, de expor a sua visão de um mundo em que o importante era *vivere in pace*. Durante a guerra, bastaria descer até a cidadezinha de Porretta Terme, a poucos quilômetros, para ver a angústia dos refugiados e o pavor das crianças sob os bombardeios. Um pouco mais longe, na linha de frente, homens morriam ou eram feridos, havia sobressaltos, desespero. Agora, bastaria que ele tomasse o trem para Bolonha e visse, num paredão, os nomes e os retratos dos milhares de bolonheses mortos nas fileiras dos *partigiani* ou executados pelos nazistas. Mas ele não quer tomar conhecimento de coisa alguma. Em sua casa de montanha, com a sua *aria*, as suas vacas, a sua mulher, a sua filha, continua imerso na inconsciência e no bem-estar. Ontem não existiu, é uma quimera. Ou só existiu pelo seu lado amável e superficial.

A funcionária do hotel, que me pediu o passaporte, vendo a minha nacionalidade brasileira, põe-se a recordar a primeira infância, na cidade ocupada pelos brasileiros. E suas recordações são nada amenas. Outras pessoas com quem conversei têm impressões semelhantes. Constata-se assim uma situação paradoxal. A lembrança que me ficou é a de uma tropa enviada para o estrangeiro, sem que se soubesse por que e para que se fazia tudo aquilo, uma tropa que deixou um país sob regime ditatorial, a fim de lutar pela democracia no estrangeiro, uma comunidade revoltada de jovens que odia-

vam aquela obrigação imposta e não compreendiam as razões superiores da luta, pelo menos no plano geral. Desorganização, desconforto interior, perplexidade eram características correntes naquele exército.

Chegando, porém, a um país estrangeiro, tendo que enfrentar um inimigo experimentado, embora não se soubesse nada sobre os motivos superiores da luta, cada um tratou de se adaptar às novas condições. Certa dose de esperteza e de habilidade não deixaram de contribuir para o resultado surpreendente que se obteve. A verdade é que os soldados bisonhos e resmungões lutaram como os melhores, e embora, na maioria, não tivessem, por ocasião do desembarque, um motivo elevado para lutar, encontravam na realidade ambiente, naquele país devastado pelos nazistas, nos bombardeios da população civil, na miséria a cada passo estímulos de sobra para continuar guerreando. Frequentemente, era uma luta selvagem em meio a um véu de indiferença e apatia, algo bem difícil de expressar.

Mas a população civil, que via o soldado brasileiro atuar com eficiência, ficou com a impressão de um povo belicoso e decidido. A bondade do brasileiro, o jeito bom de quem não se impõe objetivos categóricos, tudo isso ficou, às vezes, oculto sob a máscara do soldado cumpridor de seus deveres.

Frequentemente, na lembrança de quem teve contato com os brasileiros, sobrou a marca das contingências cruéis da guerra, e essa marca é mais forte que tudo o mais. "Então, veio rever as porcarias que vocês deixaram por aí?" - pergunta-me a funcionária do hotel. Eu me lembro dos soldados bons e compassivos, em Nápoles, indignados com a abjeção moral que encontravam, carinhosos com a população civil, mas que depois se deixaram arrastar, como tantos outros, pelo turbilhão da guerra, o que implica muitas vezes no aniquilamento dos valores estabelecidos, na miséria interior.

Pode-se acaso explicar tudo isso, e ainda em língua estrangeira, que mal se conhece? Não, o jeito é sair para a rua, para a estrada, e olhar, a mais não poder, a bela paisagem dos Apeninos.

O mau gosto fascista espalhou pela Itália, pelas suas cidadezinhas medievais e renascentistas, monstros acadêmicos com o nome de monumentos *ai caduti*. Numa época de plena expansão da arte moderna

no país, o gosto oficial ia procurar o que havia de mais feio, de mais superado, nos estúdios de escultura, a fim de homenagear os mortos da guerra de quatorze.

No entanto, esse mau gosto plástico, mesmo acrescido de frases banais e altissonantes, não consegue ocultar a profunda poesia que o italiano sabe infundir às vezes às lápides memoriais.

Não raro, o mármore expressa as confusões e perplexidades do século. É o que se pode constatar, por exemplo, no monumento *ai caduti* de Porretta Terme.

A escultura é banalíssima, o melhor mesmo é desviar os olhos. Na Face I, lê-se:

*"XXIV Maggio MCMXV
IV Novembre MCMXVIII
Ai puri figli
della montagna scabra e della valle
caduti in faccia al nemico
nella grande guerra liberatrice
onde splende nei secoli
la santità della nuova Italia
vittoriosa."*

("Aos puros filhos da montanha áspera e do vale, tombados em face do inimigo, na grande guerra libertadora, para que replandeça, pelos séculos a santidade da nova Itália vitoriosa.")

etc... etc...

Creio que não há desrespeito em se substituir o resto dessa retórica retumbante por alguns etc. E esta suposição parece confirmar-se com a evidência de um novo espírito de lúcida modéstia, que surge com uma inscrição logo abaixo:

*"Ai caduti per la patria
MCMXL MCMXLV"*

Na Face II, há numerosos nomes dos filhos da cidade, tombados em 1915-18. Num acréscimo lateral, lê-se:

*"ROSSI GUIDO
Sergente motorista voluntario
Caduto a Daga Galai
11-4-1937"*

Evidentemente, esse sargento-motorista era um dos "voluntários" enviados por Mussolini para lutar contra o governo republicano espanhol.



FOTOMONTAGEM:
PRACINHAS
BRASILEIRAS
ATUANDO NA ITÁLIA,
EM FOTO DE 7 DE
JULHO DE 1944, EM
PRIMEIRO PLANO -
AO FUNDO, CAPA DE
O CRUZEIRO DO SUL,
DE 3 DE JANEIRO
DE 1943

Na Face IV, aparecem muitos nomes de combatentes tombados na Segunda Guerra Mundial. Lateralmente, surge um acréscimo:

"28-8-1921
MELLINI ROMOLO
Caduto fascista".

Houve ódios e massacres, fuzilamentos em praça pública e devastação de residências, mas, passada a tormenta, os nomes dos filhos da terra, caídos de um e de outro lado, figuram fraternalmente nas lápides e memoriais.

Na praça ajardinada do centro da cidade, há um outro monumento, bem mais singelo, onde se lê:

"AL CAPITANO
TONY
ed ai caduto partigiani".

Lateralmente, aparecem as datas:

"19-7-1944
12-12-1944".

A segunda recorda um ataque fracassado dos brasileiros contra o Monte Castelo. Quer dizer: a lápide foi colocada em memória dos *partigiani* que tombaram ao lado dos brasileiros.

Outros acontecimentos históricos foram também celebrados na cidadezinha, com a altissonância inerente a cada época.

Na estação ferroviária lê-se:

"Il 5 ottobre 1947
come già in un lontano giorno del 1863
sotto gli auspici delle libertà riconquistate
il popoli di Porretta esultante
riode il fragore delle sonanti ruote
che le passioni sfrenate nell'immane
flagello
avevano arrestato".

("Em 5 de outubro de 1947, como outrora, num dia distante de 1863, sob os auspícios das liberdades reconquistadas, o povo de Porretta, exultante, tornou a ouvir o fragor das rodas sonoras, que as paixões desenfreadas no flagelo imenso haviam detido.")

Essa eloquência parece, no entanto, mais discreta que a manifestada no próprio dia de 1863, assim evocado. Em outra parede da mesma estação, pode-se ler:

"A perpetua memoria
del faustissimo giorno
XXI di novembre del MDCCCLXIII
che
Re Vittorio Emanuele II
etc... etc..."

Mas a prosa, mesmo a sonora prosa italiana, parecia pálida demais para celebrar o *faustissimo giorno*, e os habitantes comovidos gravaram em mármore versos de autor anônimo:

"Senza gli auspici tuoi quanto tardato
Avrian suoi doni le fuggenti ruote
Su cui quest'alte sponde a te devote
Di tua presenza augusta hai rallegrato".

Descontada a sonoridade dos decas-

sílabos e das rimas, isto pode ser assim traduzido: "Sem os teus auspícios, quanto não tardariam a trazer seus dons as rodas fugidias, sobre as quais alegraste com a tua presença augusta estas altas escarpas, que te são devotadas".

Só as lápides comemorativas que há em Bolonha dariam um livro interessantíssimo, no qual se refletiria o espírito de diferentes épocas, através da sua linguagem e da maneira pela qual se homenageavam os mortos.

Numa inscrição existente na Universidade e datada de MCMXXXVII, fala-se no *destino imperiale* da Itália. Outra placa na mesma Universidade já revela, porém, sensibilidade e compreensão da grande tragédia nacional, que o país então vivia:

*"A ricordo
dei giovani di questo ateneo
che in terra lontana
comatterono e morirono
illuminando col valore
il loro sacrificio
e la storia dolorosa
della patria nostra".*

("Em memória dos jovens desta Universidade, que em terra distante lutaram e morreram, iluminando com a coragem o seu sacrifício e a história dolorosa de nossa pátria." 1935-1938)

Seguem-se os nomes dos estudantes tomados na Guerra da Abissínia e na intervenção fascista na Espanha.

Passados os anos mais terríveis da *storia dolorosa*, a retórica acadêmica, em seu estilo mais solene, tornou a ornar os muros da Universidade:

*"Giovani
che per la patria esalaste le vostre vite
ubbidienti alle leggi della feroce guerra
Colui che numera i figli d'erba
Colui che ciama per nome le stelle
non dimenticherà mai i vostri nomi
ma la prole degli uomini
che dall'esperienza non impara
non sa
di qual sangue l'alloro
di qual pianto di madri grondi la storia
e ricalca l'orme dei suoi errori
Quando
regnerà sulle nostre case
pura di strage
la Pace".*

("Jovens que pela pátria exalastes as vossas vidas, obedientes às leis da feroz guerra, Aquele que numera os fios da erva, Aquele que nomeia as estrelas, não esquecerá jamais os vossos nomes, mas a prole dos homens, que não aprende com a experiência, não sabe qual sangue é vosso, nem de que pranto de mãe coteja a história, e recalca as pegadas dos seus próprios erros. Quando reinará sobre as nossas casas, pura de massacres, a Paz?")

MCMLIX

Também em Bolonha, na Piazza Rossini, lê-se:

*"Il Zona Bonifica Campi Minati
Sttozona di Bologna
Da questa piazza partirono senza
far ritorno i rastrellatori di mine".*

("Il Zona de Limpeza de Campos Minados, Subzona de Bolonha - Desta praça partiram, sem regressar, os mineiros".)

Seguem-se quarenta e quatro nomes e as palavras "*e per loro torna a fiorir la terra*".

E por eles torna a florir a terra... Em outro local, em circunstâncias diferentes, poderia parecer até banal. Mas ali, recordando o sacrifício daqueles rapazes e moças, em meio aos edifícios medievais e severos de Bolonha, como parece apropriado e justo!

Perto da praça, na entrada de uma repartição pública, rememoram-se os quarenta e quatro bolonheses que tombaram em defesa da Espanha republicana.

Na cidadezinha de Gaggio Montano, além de Silla, onde brasileiros estiveram lutando meses a fio, ergue-se agora no alto de uma rocha em ovo, no local em que antes havia uma capelinha, um monumento aos mortos da última guerra. Dominando o vale do Fiume Reno com as linhas severas e modernas, recortando-se com sua alvura sobre a vegetação da montanha, ele rememora, melhor do que qualquer retórica, a grande tragédia que se viveu naquelas terras.

1965-1966